



## CRÍTICA INSTITUCIONAL NA BIENAL DE SÃO PAULO: Um estudo a partir da obra de Andrea Fraser

**Palavras-Chave:** Crítica Institucional, Bienal de São Paulo, Andrea Fraser.

**Autoras:**

**GIOVANNA ENDRIGO, EXT – FEBASP**

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. MARILÚCIA BOTTALLO (orientadora), EXT – FEBASP**

---

### INTRODUÇÃO:

Entre um processo de mudanças institucionais, neoliberalismo, comemoração de 50 anos da Bienal de São Paulo, eleições presidenciais, copa do mundo e crise internacional nas bolsas de valores, é aberta ao público em 1998 a megaexposição *Bienal da Antropofagia*, que recebeu cerca de meio milhão de pessoas no Pavilhão da Bienal, na zona sul da cidade de São Paulo. A presente pesquisa busca estudar uma obra comissionada para essa mostra que, entre tantos acontecimentos, acabou não sendo exibida. “*Reporting from São Paulo, I’m from the United States*” [Informando de São Paulo, sou dos Estados Unidos] (1998) foi um projeto de Crítica Institucional, desenvolvido pela artista norte-americana Andrea Fraser para a Bienal de São Paulo, em que foi proposto um conjunto de vídeo-reportagens que seriam veiculados em âmbito nacional na TV Cultura.

A pesquisa utilizou-se de entrevistas, livros, reportagens e documentos do Arquivo Histórico Wanda Svevo - o arquivo documental da Fundação Bienal - para compreender melhor os saltos entre a criação da Bienal de São Paulo, o comissionamento da obra nos anos 1990 e suas exibição no século XXI. Irônica, crítica e cômica, Fraser resgata agentes institucionais para traçar um perfil não só da Bienal em tempos de abertura econômica que sucederam a ditadura no país, mas do estado que se encontravam as grandes exposições no final do século XX.

### MODOS DE OPERAR, PROJETO, EXECUÇÃO E CONTEÚDO:

Andrea Fraser nasceu em 1965 em Montana, nos Estados Unidos e depois estudou e trabalhou na cidade de Nova York. A performance é central na produção da artista, que antes de voltar sua pesquisa às artes visuais, estudou atuação a partir de Brecht e Stanislavski. Os trabalhos desenvolvidos por Andrea Fraser analisam em termos sociais, políticos, econômicos e ideológicos, as estruturas que regem instituições de arte, museus e exposições. A artista parte das especificidades que cada instituição carrega, sendo sempre auxiliada por uma extensa pesquisa histórica e mapeamento local. Em seu texto *O que é Crítica Institucional*, Fraser descreve essa prática como a arte que expõe “as estruturas e lógicas de museus e galerias de arte” e sua metodologia como “*critically reflexive site-specificity* [Especificidade local criticamente reflexiva]” (FRASER, 2014, pg.1).

Crítica Institucional é o nome dado a um conjunto de práticas artísticas voltadas a revelar e tensionar as estruturas de instituições de arte, mais do que um movimento artístico unificado. A metodologia foi primeiro identificada no texto *On practice* do artista Mel Ramsden e mais tarde o termo foi popularizado pela publicação do texto *Conceptual Art 1962-1969: From the Aesthetic of Administration to the Critique of Institutions* de 1990, por Benjamin Buchloh. Ambos os autores refletiam sobre a chamada *primeira geração* da Crítica Institucional, que desenvolveu-se nas décadas de 1960 e 1970 na América do Norte e dizia respeito à produção de artistas como Hans Haacke, Marcel Broodthaers, Daniel Buren, Michael Asher, Robert Smithson, Dan Graham, Martha Rosler, entre outros. Andrea Fraser faz parte do que hoje conhecemos como *segunda geração* da Crítica Institucional, que segundo os autores Alberro e Stimson (2009), traz elementos da mídia contemporânea e totalidade corporativa e política, criando obras críticas sobre os modelos de produção e sua relação com o mundo das artes na década de 1990.

A artista escreve sobre o surgimento dessas práticas como uma tomada de consciência dos artistas de que toda obra de arte é passível de ser explorada para lucro econômico e simbólico, tornando-se *commodities* materiais e imateriais. A figura do artista, para Fraser, não deve ser anulada da Crítica Institucional, que é ambivalente por natureza. A crítica ou a instituição não se encontram num lugar externo ao artista: “Nós somos a instituição de arte: o objeto de nossas críticas, de nossos ataques, está sempre também dentro de nós” (FRASER, 2014, pg.3). Essa ambivalência presente na metodologia da Crítica Institucional foi percebida por Andrea Fraser no final dos anos 1990, quando a artista foi convidada a participar com uma obra comissionada da 24ª Bienal - *A Bienal da Antropofagia*. A partir do contato com os conceitos do *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade, que nortearam a 24ª Bienal, Fraser passa a incorporar esses elementos muitas vezes contraditórios em sua produção.

“Eu percebi que mesmo a apropriação crítica sempre inclui desejo assim como crítica, afirmação assim como negação, amor assim como ódio da coisa apropriada e do que ela representa. Eventualmente, isso me levou a entender a própria Crítica Institucional como uma encenação da ambivalência: não apenas de uma relação de amor e ódio profundamente ambivalente com o campo da arte e suas instituições, mas também do que chamei de ambivalência estrutural do campo da própria arte.” (Tradução livre. FRASER, 2016, pg.43)

A 24ª Bienal de São Paulo - *A Bienal da Antropofagia* ocorreu em 1998 e a seção norte-americana integrou a exposição “*Roteiros, Roteiros, Roteiros, Roteiros, Roteiros, Roteiros, Roteiros*”. A seção foi curada pelo pesquisador Ivo Mesquita e foram indicados seis artistas americanos e canadenses para integrar a mostra: Michael Asher, Janet Cardiff, Andrea Fraser, General Idea, Sherrie Levine e Jeff Wall. Fraser enviou para a Fundação Bienal um projeto para uma obra comissionada, intitulada “*Reporting from São Paulo, I’m from the United States*”, que deveria ser desenvolvida nos meses que antecederam a visita, com algumas gravações durante e após os eventos de abertura. A obra seria idealmente constituída por vídeos contendo uma performance-reportagem e o objetivo era que os vídeos não só fossem exibidos na exposição, mas difundidos na televisão - preferencialmente em um programa de reportagens local.

A artista atuaria como uma repórter norte-americana que faria a cobertura dos eventos da *Bienal da Antropofagia*, incluindo montagem, abertura e visita dos públicos à mostra. A produção foi dividida em três categorias: entrevistas convencionais com agentes culturais e figuras envolvidas na exposição, percursos e comentários pré-desenhados que estariam mais próximos do campo "performático", e uma metragem histórica e

urbana da Bienal, da cidade de São Paulo e reportagens de eventos políticos que ocorressem próximos aos eventos de abertura da 24ª. No dia 14 de dezembro de 1998, um dia após o encerramento da Bienal, Andrea Fraser envia tardiamente por e-mail o script final das gravações. Junto, a artista também comenta algumas tratativas de créditos e pagamentos, incluindo uma nota sobre o conteúdo:

“Obrigado novamente por seu entusiasmo com a fita. Mesmo assim, por favor, me avise se há algo lá que o faça estremecer de uma maneira ruim. Eu quero saber e ficaria feliz em reconsiderar... Há muita coisa que eu não posso saber - como quem são as pessoas em algumas das gravações - que criam significados que eu não tenho como saber.” (Tradução livre. FRASER, Fundação Bienal de São Paulo / Arquivo Histórico Wanda Svevo, e-mail enviado em dezembro de 1998)

Em entrevista concedida para essa pesquisa em maio de 2023, o curador Ivo Mesquita conta que a obra não foi levada adiante por insegurança da artista, que encontrou dificuldades em apreender os elementos em diálogo para realizar uma Crítica Institucional no contexto brasileiro. O curador acredita que nos Estados Unidos, país onde a metodologia da Crítica Institucional foi desenvolvida, as instituições culturais são sólidas e objeto de observação pública de modo muito mais estruturado. Parte da dificuldade enfrentada por Fraser reside na complexidade que se apresenta nos jogos políticos por trás do Conselho, dos cargos, do Ministério e das relações quando tratamos de aplicar tal metodologia em um país como o Brasil. Mesquita conta que a vivência que Fraser teve no país, que durou vários meses, e as relações interpessoais que foram sendo criadas nesse meio tempo, acabaram inibindo-a na realização de uma crítica sobre a Bienal de São Paulo:

“Ela teve várias experiências de Brasil. Acho que isso que foi causando insegurança nela. Um pouco da posição dela como uma artista, americana, super intelectualizada, conceituada e de repente ela se dá conta de uma realidade que é toda permeada de afeto, e ela é tratada com muito afeto. Isso é interessante, isso foi um pouco o que a inibiu. Quando ela me pergunta “olha, espero que eu não tenha falado nada demais”, é isso. Talvez Crítica Institucional e amor não bata.” (informação verbal. MESQUITA, 2023).

O curador reforça que é comum artistas sentirem esse tipo de insegurança quando trabalham em um contexto adverso, principalmente em um país com instituições e políticas culturais muito diferentes dos Estados Unidos. Além disso, as figuras de autoridade também se comportam de outra forma, elas “não têm o mesmo comportamento de uma coisa anglicana, protestante, tem muitas nuances aí” (informação verbal. MESQUITA, 2023). A própria artista escreveu anos depois sobre como sua participação na 24ª Bienal a fez perceber as diversas ambivalências que permeiam a Crítica Institucional.

## **EXIBIÇÃO OU ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE CRÍTICA INSTITUCIONAL:**

“*Reporting from São Paulo, I’m from the United States*” foi exibida pela primeira vez no Brasil apenas em 2021, na ocasião da 34ª Bienal de São Paulo - *Faz escuro mas eu canto*. Foram propostos cinco vídeos, cada um com duração média de cinco minutos e títulos extraídos do *Manifesto Antropófago*. Com esses vídeos, Fraser propõe pensar a própria história da Fundação Bienal de São Paulo como um processo antropofágico. Através do resgate da figura do mecenas Ciccillo Matarazzo, entrevistas com diretores e presidentes da Instituição e figuras políticas do cenário brasileiro, a artista traz reflexões sobre um momento que marketing e financiamento privado adentravam de forma permanente a Bienal a fim de garantir sua subsistência.

Em 2021 os vídeos de Fraser foram articulados espacialmente com o enunciado *Sino de Ouro Preto*, que remetia à historicidade, identidade nacional, projeto desenvolvimentista moderno e repetições. A obra de Andrea Fraser é lida dentro do conjunto como uma forma de olhar para o passado da mostra, pensando seus erros e acertos em um país fragmentado e com instituições culturais muitas vezes fragilizadas. Como apontado pelos autores Alberro e Stimson (2009), a Crítica Institucional pode rapidamente tornar-se uma crítica às políticas públicas, a depender do contexto em que a metodologia estiver sendo aplicada. O caráter público-político da Crítica Institucional em um contexto brasileiro já havia sido mencionado por Bernardo Mosqueira, em matéria escrita para a Revista Select. Mosqueira conta que “as urgências daquele tempo fizeram com que grande parte dos trabalhos de Crítica Institucional se opusesse não ao museu, mas à ditadura” dentro da produção de artistas brasileiros das décadas de 1960 e 1970.

No texto “A Crítica Institucional em contextos institucionais precários”, Felipe Prando discorre sobre o contexto latino-americano a partir da repentina institucionalização das artes que ocorreu em São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires na metade do século XX. Para o autor, a Bienal, assim como outros espaços culturais, criaram uma rede de instituições articuladas com outros campos de poder, mas não podemos afirmar uma autonomia desses espaços. Essa autonomia e solidez é identificada de forma clara nos Estados Unidos, país onde Andrea Fraser nasceu e trabalha, sustentando o entendimento de que a obra foi tardiamente exibida pela dificuldade da artista em apreender os elementos que constituíam o *site* na Bienal de São Paulo. Prando finaliza o texto destacando que a importação da Crítica Institucional enquanto modo de operar exige não apenas uma adaptação para a América-latina, mas a produção de infraestrutura “no sentido de que a enunciação pressupõe definir as condições da própria enunciação, isto é, edificar o próprio lugar a partir do qual se fala” (PRANDO, 2018, pg.265).

A metodologia, portanto, não operou no Brasil de forma semelhante à América do Norte - fator decisivo na tardia exibição da obra de Andrea Fraser - e muitas das críticas às instituições culturais ainda passam por um processo de amadurecimento. As instituições brasileiras, como colocado pelo curador Ivo Mesquita, não apresentam a mesma solidez e é recente o seu movimento em prol da inclusão e diversidade. Enquanto artistas criticavam instituições culturais na América do Norte, o contexto brasileiro exigia uma reivindicação desses espaços por parte dos artistas e trabalhadores da cultura, solidificando instituições para que elas, então, possam ser alvo de uma Crítica Institucional. Nos resta apenas lançar a pergunta ao futuro sobre como operar em instituições artísticas brasileiras do século XXI, uma Crítica Institucional que equilibre a reivindicação do espaço, assim como o debate em torno de suas problemáticas. É preciso levar em consideração os novos elementos do *site* que não podem ser ignorados e a especificidade do contexto, tornando o objeto de estudo cada vez mais ambíguo, difuso e múltiplo.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

ALAMBERT, Francisco; CANHÊTE, Polyana. *As Bienais de São Paulo: da era dos Museus à era dos Curadores (1951-2001)*. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004

- AMARAL, Aracy. *Bienais ou Da impossibilidade de reter o tempo*. Revista USP, n. 52, pg. 16-25, 2002.
- BUCHLOH, Benjamin. *Conceptual Art 1962-1969: From the aesthetic of administration to the critique of institutions*, October, vol. 55, pg. 105-143, 1990.
- CHU, Hiuwai; FRASER, Andrea. *Conversation with Andrea Fraser*. In: L'1%, c'est moi. 1ª edição. Cidade do México: MUAC - Museu Universitário de Arte Contemporânea, 2016.
- DORDEVIC, Marko. *Mel Ramsden's Theoretical Critique of Institutions: A Close Reading of "On Practice"*. Journal of Art and Media Studies, Belgrado, n. 7, pg. 49-56, abril 201. Disponível em: <<https://fmkjournals.fmk.edu.rs/index.php/AM/issue/view/7>> Acesso em 11/06/2023.
- FRASER, Andrea. *O que é Crítica Institucional?* Rio de Janeiro: Concinnitas, vol. 2, dezembro de 2014.
- FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. *Andrea Fraser*. 34ª Bienal, 2021. Disponível em: <<http://34.bienal.org.br/artistas/8653>> Acesso em 03/02/2023.
- \_\_\_\_\_. *Roteiros, Roteiros, Roteiros...* São Paulo, 1998. Catálogo de exposição.
- MESQUITA, Ivo. *Bienais bienais bienais bienais bienais bienais bienais*. Revista USP, n. 52, pg. 72-22, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Entrevista concedida à autora Giovanna Endrigo*. São Paulo, 29 de maio de 2023.
- MOSQUEIRA, Bernardo. *Crítica institucional: Produção de arte-crise na luta contra a barbárie*. Select, 2018. Disponível em: <<https://www.select.art.br/critica-institucional/>> Acesso em 11/06/2023.
- PRANDO, Felipe. *A Crítica Institucional em contextos institucionais precários*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES SISTÊMICAS DA ARTE, 1., 2018, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: UFRGS, pg. 258-266, 2018
- ZACCAGNINI, Carla. “Do sino a sina”. In: *Primeiros Ensaio - Publicação Educativa da 34ª Bienal*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2020.

## DOCUMENTOS:

- Conjunto documental: *Carta; bilhete de passagem; recibo de pagamento de transporte e/ou hospedagem; planilha de controle de transporte e/ou hospedagem*. 24ª Bienal de São Paulo. Fundação Bienal de São Paulo / Arquivo Histórico Wanda Svevo - ID: BSP.02.003.01037
- Conjunto documental: *Carta; convite a artista; projeto de artista*. 24ª Bienal de São Paulo. Fundação Bienal de São Paulo / Arquivo Histórico Wanda Svevo - ID: BSP.02.002.04493
- Conjunto documental: *Carta; lista de artistas; fatura comercial; prefácio; imagem para publicação*. 24ª Bienal de São Paulo. Fundação Bienal de São Paulo / Arquivo Histórico Wanda Svevo - ID: BSP.02.005.02670
- Conjunto documental: *Carta; lista de obras; nota biográfica*. 24ª Bienal de São Paulo. Fundação Bienal de São Paulo / Arquivo Histórico Wanda Svevo - ID: BSP.02.001.04790
- Conjunto documental: *Carta; pesquisa curatorial; nota biográfica*. 24ª Bienal de São Paulo. Fundação Bienal de São Paulo / Arquivo Histórico Wanda Svevo - ID: BSP.02.001.04788
- Conjunto documental: *Carta; release*. 24ª Bienal de São Paulo. Fundação Bienal de São Paulo / Arquivo Histórico Wanda Svevo - ID: BSP.01.004.01671
- Conjunto documental: *Release; projeto de comunicação e/ou marketing*. 24ª Bienal de São Paulo. Fundação Bienal de São Paulo / Arquivo Histórico Wanda Svevo - ID: BSP.01.004.01685